

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## UM “PRESENTE DE MOSQUITO”? A DENGUE ÀS VÉSPERAS DO CENTENÁRIO DE BELO HORIZONTE (1996)

Huener Silva Gonçalves  
UFMG/CEFET-MG/IECEMB-FAB  
huener@cefetmg.br

Caracterizada como importante problema de saúde pública e científico no Brasil, a dengue se tornou objeto da historiografia nacional no século XXI. Sua primeira aparição se deu com a breve menção da epidemia que assolou o Rio de Janeiro, em 1986, por Jaime Benchimol (2001). Por sua vez, o projeto *A história das epidemias de dengue no Rio de Janeiro (1986-2002)*, coordenado por Dilene Nascimento, entre 2005 e 2010, rendeu os primeiros artigos sobre o tema. Com as exceções da monografia de Lucas Ferreira (2017), que estudou uma epidemia em Uberlândia, em 1992, dos trabalhos de Jorge Lara (2019a) e Christiane Souza (2019), que examinaram rastros da doença, respectivamente, em Curitiba e Salvador, no século XIX, nota-se que os demais estudos se concentraram nas epidemias de 1986 e de 2002, na capital fluminense (BULHÕES, 2008; NASCIMENTO et. al, 2010; PAIVA, MARINHO e MOTTA, 2016; LOPES e SILVA, 2019; LARA, 2019b, 2020; LOPES e LARA, 2021). Desse modo, infere-se que há uma carência de estudos sobre a presença da doença em outras localidades brasileiras. Entre essas, destaca-se Belo Horizonte, cujas epidemias, políticas públicas e pesquisas, direcionadas à moléstia, ganharam notoriedade na imprensa nacional no século XXI.

Considerados esses apontamentos, este trabalho objetiva examinar a primeira epidemia de dengue clássica ocorrida na capital mineira, em 1996, momento em que a cidade se preparava para as comemorações do seu primeiro centenário. Para a compreensão desse episódio, que teve como epicentro o distrito de Venda Nova, serão examinados, como fontes, os conteúdos publicados pelo *Hoje em Dia*, diário com base e fluxo local. Enfim, a análise se fundamentará na *dramaturgia das epidemias*, modelo teórico criado por Charles Rosenberg (1992) que permite roteirizar esse tipo de fenômeno social em quatro atos: a negação e revelação progressiva da doença, dada a ameaça de interesses; sua explicação pela comunidade científica e por outros grupos; negociações de respostas públicas; e abrandamento, ou eliminação, da epidemia, e sua retrospectiva.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Uma cidade virtuosa

Belo Horizonte iniciou a década de seu centenário celebrando o reconhecimento de cidade de melhor qualidade de vida da América Latina e 45ª do mundo pelo *Population Crisis Committee* da Organização das Nações Unidas, em 1990. O feito sinalizava que a metrópole apresentou consideráveis desenvolvimentos estruturais e sociais na última década. Sob essa atmosfera favorável, o planejamento das comemorações do centenário da capital dos mineiros foi elaborado:

O evento “centenário” foi assumido oficialmente pelo poder público municipal. Já na gestão Eduardo Azeredo (1989-1992) foram lançadas as primeiras iniciativas tendo em vista o planejamento da comemoração. No governo Patrus Ananias (1993-96) foi constituída a Comissão do Centenário, criado o slogan “Belo Horizonte – capital do século e elaborados os projetos a serem implementados neste ano. Coube à administração Célio de Castro realizar o centenário (GUIMARÃES *et al*, 1998, p. 50).

Ao discurso fundante de cidade moderna, agregou-se o de melhor qualidade de vida, de cidade cosmopolita, solidária, acolhedora e participativa, convergido pela noção de *Capital do Século*, que, segundo José Maria Cançado, membro da Comissão do Centenário, “é uma espécie de slogan que tinha por objetivo lançar um repto, um desafio, como se Belo Horizonte estivesse condenada a ser moderna, condenada a ser contemporânea, condenada a se superar” (LAMOUNIER, 2001, p. 78).

Todas essas virtudes da aniversariante, presentes em falas de várias autoridades públicas, imprensa e outras personalidades da época, apontavam para a ideia de uma urbe centenária, mas rejuvenescida, renovando o ideal de cidade moderna e salubre, e que avançou no enfrentamento da mazela da exclusão social dos seus inícios. Entretanto, como em épocas anteriores, a doença adentrou, sem ser convidada, na moderna cidade<sup>1</sup>.

---

1 Como assinala a historiografia, não era novidade uma doença ou agravo a saúde, endêmico ou epidêmico, ofuscar as virtudes atribuídas à capital mineira. Anny Silveira (2007) e Rita Marques (2010) destacaram o bócio endêmico como questão relevante no processo de escolha, implantação e inícios da nova capital, em fins do século XIX, colocando em risco as qualidades alegadas pelos seus defensores. Segundo Silveira (2007), em 1918, as autoridades médicas e sanitárias acreditavam que a salubridade da cidade poderia bloquear a entrada da pandemia de influenza ou amenizar os possíveis casos da doença, o que acabou se mostrando inócuo. Bráulio Chaves (2007) analisou a produção científica e de medidas de saúde desenvolvidas pelo Serviço Antipeçonhento do Instituto Ezequiel Dias contra cobras e escorpíões entre 1907 e 1936, período de registro corriqueiro de acidentes envolvendo encontros entre moradores e esses não-humanos. Por fim, os trabalhos de Márcia Laboissiere (1998), Geordana Requeijo (2005) e Rita Marques e Huener Gonçalves (2011) mostraram como a tuberculose se tornou problema de saúde crônico na urbe na década de 1920. Esta época marcou o surgimento de sanatórios voltados para a doença, tendo como justificativa terapêutica os ares e relevo local.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## A dengue desembarca em Venda Nova

Em Belo Horizonte, o ano de 1996 começou com os transtornos ocasionados por fortes chuvas. Inundações e transbordamento de córregos desabrigaram moradores, traziam perdas materiais e estampavam as páginas do *Hoje em Dia* (CHUVA...,1996). O ambiente proporcionado pelos entulhos, recolhidos precariamente em regiões mais carentes, e por um verão quente e úmido, sob a influência do fenômeno oceânico-atmosférico *La niña*, contribuíram para elevar a proliferação de mosquitos, entre eles, do vetor *Aedes aegypti*, cujos focos vinham sendo registrados desde 1985 na capital (SIQUEIRA, 1998). Era notícia a crise na saúde municipal, devido à redução de atendimentos no Hospital Odilon Behrens, um dos principais da cidade, devido a um processo de reforma, pressionando a demanda em outras unidades de atendimento (SAÚDE..., 1996). Discutia-se na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais o processo de integração das redes estadual e municipal da saúde pública ao SUS (ASSEMBLEIA..., 1996). Foi este o cenário encontrado pela dengue, cuja epidemia foi notícia na imprensa entre maio e junho.

Em sua edição de 04 de maio, o *Hoje em Dia* destacou, com letras garrafais, a manchete *Epidemia de dengue atinge BH*. Ressaltou-se que, no dia anterior, o setor de Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde (SMSA), da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH), divulgou a confirmação laboratorial de 17 casos de dengue registrados em Venda Nova. Outros 100 suspeitos, notificados na região, estavam sob análise (EPIDEMIA..., 1996). Pela primeira vez, eram registrados casos autóctones da doença, cujo diagnóstico sorológico, via método Mac-Elisa igM, era atribuído a Fundação Ezequiel Dias (FUNED), único laboratório de referência do Sistema Único de Saúde (SUS) em Minas Gerais. Ao comentar sobre o reconhecimento da doença, o secretário municipal de saúde, o médico César Rodrigues Campos, ressaltou se tratar de uma doença benigna, que tinha como sintomas, “febre, dor de cabeça, vômitos, dor nas articulações, inapetência, manchas vermelhas pelo corpo e dor muscular [...] [durando] em média 7 dias” (NEVES, 1996, p. 1). Ele realçou a inexistência de tratamento específico, desaconselhou a automedicação e recomendou a busca de auxílio nas unidades de saúde (NEVES, 1996).

Ao comentar sobre os fatores que propiciaram a epidemia na cidade, Sônia Matos, diretora da Coordenação de Ações de Saúde da SMSA, citou que o processo de

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desmonte da Fundação Nacional de Saúde (FNS), como da saúde pública, por parte do governo federal, contribuiu para o descontrole de endemias e do vetor, favorecendo a proliferação da dengue (NEVES, 1996). Com relação a uma possível origem local da epidemia, atribuiu-se a uma área de 20 mil metros, a céu aberto, do Palácio dos Leilões, em que ficavam depositados veículos e sucatas para venda, que apresentava focos reincidentes do vetor desde 1991 (PALÁCIO..., 1996, p. 1). Essa situação levou Rogério Lopes Ferreira, diretor da empresa a estudar a cobertura do local (EMPRESA..., 1996). Como o citado espaço, relatou-se que ferro-velhos, borracharias e floriculturas eram vistoriadas periodicamente. As moradias não eram alvos da ação.

No dia seguinte, como forma de colaborar com esclarecimentos relativos à doença e de utilidade pública, uma série de informações foi disponibilizada para os leitores no quadro *Pra entender a doença*. Ele, também, informou sobre o tratamento, que visava o alívio de sintomas da doença. Desaconselhando a automedicação, principalmente, por remédios contendo o ácido acetilsalicílico, como a aspirina, reforçou a busca por socorro nas unidades de saúde (NEVES, 1996). Porém, relatos de moradores sugerem que tais informações chegaram com a epidemia em marcha.

## **A Dengue nos lares de Venda Nova**

Apesar da divulgação oficial ocorrer em maio, testemunhos publicados no dia 6, sugerem a que doença já fazia suas vítimas na região desde fins de abril:

O mecânico de helicóptero, Luciano Carlos Silva, 45 anos, revelou ter apresentado sintomas da dengue há cerca de 15 dias. Foi ao médico e disseram que eram uma virose. Produtor e entregador de leite em Venda Nova nos finais de semana, o mecânico de helicóptero alegou conhecer 50 pessoas que tiveram a doença, mas não foram ao posto de saúde (DIAGNÓSTICO..., 1996, p. 1).

Diagnóstico semelhante foi dado Maria Ribeiro, atendida no Hospital Dom Bosco, situado no distrito. Esses indícios sugerem o desconhecimento da doença por parte de médicos que atendiam em unidades de saúde da região, o que também pode ter retardado o reconhecimento da epidemia (DIAGNÓSTICO..., 1996).

O não comparecimento às unidades de saúde, ou somente como último recurso para a cura, presente em falas de moradores, é um indício de subnotificações da doença. Ao se perceber com febre, a faxineira Maria Antônia Rodrigues acreditou estar gripada, levando-a a tomar aspirina. Quanto às manchas avermelhadas pelo corpo, a faxineira tomou banhos com folhas de maracujá e chás com folhas indicadas pela mãe.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Não alcançando a cura, buscou ajuda na Unidade de Assistência a Pequenas Urgências (UAPU) no distrito (MORADORES..., 1996).

O autodiagnóstico de gripe e a automedicação eram traços do cotidiano que demonstravam o desconhecimento da população perante a enfermidade, como asseverou o médico Afonso Teixeira, do Centro de Saúde (CS) Andradas: “os sintomas se assemelham aos da gripe e rubéola, com manchas vermelhas pelo corpo. Muitas pessoas, não sabendo que estão com dengue, acabam tomando aspirina para aliviar as febres, o que é perigoso, porque pode provocar hemorragia” (SINTOMAS..., 1996, p. 12).

Ainda dos relatos, extrai-se que alguns moradores compareceram ao Centro de Saúde após a visita de assistentes sanitários em seus domicílios:

Valéria queixou-se dos sintomas como o agente sanitário, que recomendou buscar o posto de saúde mais próximo da sua casa. Na casa de Maria Aparecida foram encontrados vários vasos de plantas, com pratinhos cheios d'água, considerados os lugares ideais para a proliferação do *Aedes aegypti*, o mosquito transmissor da dengue (DIAGNÓSTICO..., 1996, p. 1).

Verifica-se que esses profissionais informaram sobre a doença, sintomas, inspecionaram possíveis criadouros de larvas do vetor e orientavam como eliminá-los. Diante dos achados de larvas nas moradias, autoridades sanitárias, como Valéria Duarte Leite, gerente do CS Andradas, e a médica sanitária Alzira de Oliveira Jorge, diretora do Distrito Sanitário de Venda Nova, conclamaram a população a colaborar na prevenção e extinção de focos do vetor (PALÁCIO..., 1996).

A dengue não pouparia nem a segurança pública. Na edição do dia 11, o *Hoje em Dia* informou que 8 policiais civis, incluindo o delegado da 7ª. Seccional Waltamir Pereira, tinham se afastado de suas funções por conta da moléstia. Era mencionado o risco de disseminação para o restante da comunidade daquela unidade prisional de Venda Nova (FERREIRA, 1996).

## **Pressão na saúde local, expansão da epidemia e respostas governamentais**

A atuação dos agentes sanitários demarcou o início das ações estatais nos quarteirões com registros pela doença. Somou-se a isso a ampliação da demanda de atendimento no CS Andradas, que contabilizou, entre os dias 04 e 05, 140 moradores com sintomas da enfermidade. Por conta disso, foi montado um espaço para prestação de informações à população sobre a doença na unidade de saúde (QUEIRÓS..., 1996).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Imagens de centros de saúde lotados na região de Venda Nova começaram a circular no jornal (DENGUE..., 1996a). A expansão do número de casos seria seguida pelo diário a partir da divulgação de parciais divulgadas pela Vigilância Epidemiológica da SMSA.

Diante do fato dos casos não terem deixado sequelas ou levado a óbitos, profissionais do aludido centro de saúde, como o médico Rodrigo Maia, acreditavam se tratar do DENV-1. Entretanto, naquele 6 de maio, cinco casos suspeitos para a forma hemorrágica (FHD) foram descartados pelos médicos da unidade de saúde em Venda Nova (AMOSTRAS..., 1996; INSTITUTO..., 1996). Para se chegar a esse diagnóstico, realizava-se um exame em que

mantém-se um aparelho de pressão no braço por cinco minutos em pressão média. Se em um diâmetro pouco maior que a ponta de um dedo aparecerem mais de 20 manchas roxas concentradas, o paciente é encaminhado para fazer o hematócrito e a contagem de plaquetas sanguíneas (DENGUE..., 1996b, p. 2).

Realizou-se naquela data uma reunião que contou com a coordenação da diretora do Distrito Sanitário de Venda Nova, a presença de gerentes dos onze centros de saúde, da UAPU e chefias da vigilância sanitária e epidemiológica. Apresentou-se como medidas, integradas à política de atendimento emergencial, “orientar para o atendimento e procedimentos para investigação dos casos”, cujos “registros serão considerados para a confecção de um mapa que oriente o combate ao mosquito *Aedes aegypti*” (GOBIRA, 1996a, p. 1). Na oportunidade, a diretora Alzira Jorge anunciou a contratação emergencial de 180 trabalhadores para integrar o esforço de enfrentamento do vetor pela SMSA (GOBIRA, 1996a).

No dia seguinte, auxiliares sanitários e um carro de som percorreram o perímetro de epicentro da epidemia anunciando a realização da pulverização do Malation. Solicitou-se que janelas e portas das residências ficassem abertas para a penetração do inseticida. Além de recomendar cuidados com moradores e animais domésticos e moradores, a sanitarista Alzira Jorge reforçou a inofensividade tóxica do inseticida (QUEIRÓS, 1996).

Eram 7 horas do dia 08, quando a caminhonete da FNS percorreu a região executando a pulverização (PULVERIZAÇÃO..., 1996). Auxiliar sanitária do CS Andradas, Eliana Ferreira contribuiu acordando a vizinhança para reforçar os procedimentos da ação. Ela ressaltou que “muita gente ainda estava dormindo, por

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

causa do frio [,] tenho de incomodar senão o remédio não entra nas casas” (SANITARISTA..., 1996, p. 1). Contudo, vizinhos agradeceram pela atitude.

Além de trazer um pouco do cotidiano dessa última ação, o *Hoje em Dia*, em sua edição do dia 9, destacou novas ações planejadas pela SMSA para a dissipação da epidemia: a produção de uma campanha de conscientização composta por panfletos, teatro de rua, vídeos, jogo pedagógico e revistinha em quadrinhos para as crianças, a solicitação de voluntários do Exército e a realização, em parceria com a Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, de mutirões de limpeza nos bairros da capital (EXERCITO..., 1996a; TÉCNICOS..., 1996).

Por sua vez, o texto *Dengue na Mira* apresentou o que parecia ser um posicionamento do periódico. No texto, a arbovirose é qualificada como doença do subdesenvolvimento, própria de uma saúde pública em crise e de uma sociedade cada vez mais empobrecida, como a brasileira. Teria contribuído para isso

o denunciado distanciamento das autoridades, a ausência de planos possíveis de materialização e de investimentos contribuíram para que, ao longo da década de 80, a saúde pública entrasse num processo que permitiu à reedição de situações onde a perversidade se junta a uma inexorável fatalidade. A miséria e a promiscuidade que a acompanha, a falta de saneamento básico, a educação depreciada e desligada da realidade local são o cadinho ideal para a eclosão de tais males. Que como rastilho de pólvora espalha-se pelas comunidades, não poupando nem mesmo sua parte rica e bem alimentada (DENGUE..., 1996b, p. 1).

Diante da ausência de reformas econômicas voltadas para melhorar a situação da saúde pública e a questão social, o Brasil foi qualificado como “subcontinente da miséria e da pobreza”. Assim, restava a SMSA, e demais parceiros, “correr atrás do prejuízo [,] e orientar a população, colocar no ar campanhas de esclarecimento e cumprir a parte que lhe cabe nessa tarefa de eliminar focos de transmissão, detendo o crescimento da doença”. Ao final, o autor assinalou que somente uma articulação que envolva vontade e coragem política, ampliação de interesse e do investimento público poderia reverter o quadro que se encontrava a saúde (DENGUE..., 1996b, p. 1).

O crescimento de solicitações de exames pelas redes pública e privada, consequência do aumento de notificações de casos suspeitos em Belo Horizonte e em outros municípios mineiros, pressionaram o trabalho da FUNED. Somente no dia 09, o seu Laboratório de Sorologia recebeu 120 amostras de sangue de centros de saúde da

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

região de Venda Nova e 87 de Montes Claros, que, também, sofria uma epidemia. Quanto à ampliação da demanda de consultórios médicos particulares, Eliana Furtado, chefe da unidade laboratorial, realçou que

as amostras de consultórios particulares começaram a chegar no início dessa semana. Nenhum dos exames deu resultado positivo até agora. Existem pessoas que ficam assustadas e vão ao médico. Os sintomas são parecidos com a gripe e os médicos encaminham os pacientes para exames laboratoriais (RISCO..., 1996, p. 1).

Ao término, mencionou que o laboratório contava apenas com 5 técnicos, que tinham que dar conta da sorologia dos casos suspeitos de dengue, leishmaniose e AIDS de todo o estado de Minas Gerais (RISCO..., 1996).

Ainda naquela data, a Educação deu uma contribuição na luta contra a doença. Professores da disciplina de ciências de escolas situadas em Venda Nova, em parceria com profissionais dos centros de saúde, a discutiram a dengue através de palestras com os alunos (PULVERIZAÇÃO..., 1996). Aliás, as fontes não noticiaram a entrega do jogo pedagógico e das revistinhas previstas.

Até aquele momento, somente as regiões leste e barreiro não contabilizaram casos da doença. Indícios de uma campanha de conscientização estava em marcha em unidades de saúde na capital, como parece sugerir dois cartazes presentes no CS Andradas. Um dos cartazes trazia informações relativas à prevenção ao mosquito, a identificação do mesmo, aos sintomas e a busca por ajuda. Outro, com a foto do vetor em destaque e os dizeres “procura-se” e *Aedes aegypt*, realçou possíveis criadores que deveriam ser vistoriados e eliminados pelos moradores (GOBIRA, 1996b).

## **Mutirões, Exército... a caminho do controle da epidemia?**

*Dengue gera corrida em posto de Venda Nova* era uma das manchetes na capa do dia 13 do *Hoje em Dia*. Sheyla Novaes Faria Sampaio, gerente do plantão do final de semana do centro de saúde, relatou que, pelo menos 40 pessoas tinham procurado a unidade alegando estarem com sintomas da doença. Porém, os casos não foram confirmados. A queda do número de atendimentos referentes a dengue, tinha, como possível motivo, segundo a gerente, o fato de “muitas pessoas, quando percebem

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que estão com os sintomas, acabam se automedicando em casa” e não como resultado das ações efetivadas (DENGUE..., 1996c). Outra autoridade sanitária que acreditava ser muito precoce em falar no enfraquecimento da epidemia era a diretora Alzira Jorge, sugerindo que a epidemia estava “passando o ponto máximo do curso de infestação” (FINAL..., 1996, p.1). De fato, era muito cedo indicar um impacto imediato da aplicação de larvicida e UVB. Aliás, naquele dia ocorreu o primeiro mutirão de limpeza em Venda Nova. O mutirão foi promovido pelo Jornal do Ônibus da Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte (BHTRANS), circulante nos veículos desse transporte coletivo (BELO HORIZONTE, 1996)

No dia seguinte, era noticiado a notificação de casos em 25 bairros, com destaque para Santa Tereza, na região leste, e São Pedro, na região sul, morada da classe média e alta da capital. Apesar de significativa procura por conta da doença, o volume de casos suspeitos apresentava tendência de queda no CS Andradas. Para Valéria Duarte, gestora da unidade, havia “um trabalho grande em toda a região e parece que estão controlando a infestação” (FINAL..., 1996, p. 1). Por outro lado, a baixa adesão dos moradores de Venda Nova ao primeiro dia do mutirão de limpeza era destaque nas páginas daquela edição:

Poucos moradores deixaram vasilhas, garrafas e latas para serem recolhidas no primeiro dia do Mutirão de Combate ao Dengue, em Venda Nova. Visitados seis dos 18 pontos de entrega, os servidores da SLU e da SUDECAP pegaram pouco mais de 2,5 metros cúbicos de lixo, enquanto que, somado a capacidade dos cinco caminhões envolvidos na operação, havia condições de carregar 40 metros cúbicos (CAMPANHA..., 1996, p. 1).

A diretora Alzira Jorge demonstrou preocupação, advertindo que se a população não engajasse nas próximas datas de recolhimento, depositando “lixo e vasilhas entulhados, daqui a dois meses poderemos ter outro surto” (CAMPANHA..., 1996, p. 1). Pelo lado da SLU, Clemer Barbosa sugeriu que a fraca adesão se devia ao fato da promoção da atividade, composta por distribuição de folhetos em ruas e residências, afixação de cartazes em locais públicos e circulação de carros de som, ter decorrido próximo da ação. Ele acreditava que a participação popular aumentaria nos próximos dias. Com fins de contribuir, o *Hoje em Dia* divulgou os 18 pontos de descarte (CAMPANHA..., 1996).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Contudo, os indícios de queda do número de casos pareciam se confirmar nos levantamentos epidemiológicos, como apontava a notícia *SMS constata redução de casos em BH*, publicada em 16 de maio:

Na região de Venda Nova, o principal foco da dengue na cidade, apenas 18 pessoas foram examinadas com suspeita de contaminação [...] há uma semana quando começou a aplicação do UBV, inseticida que elimina o mosquito no ar, o número de casos estava baixo, com 388 pessoas infectadas. Na segunda-feira, foram detectados 791 casos e na terça, o número subiu para 906. De terça até ontem, o crescimento foi de apenas 84. (SMS..., 1996, p. 1).

E a tendência de baixa se manteve no final de semana. Entre os dias 18 e 19 de maio, o CS Andradas contabilizou somente 7 casos da doença (VENDA..., 1996). Ao comentar sobre a queda da notificação de casos, o epidemiologista Roberto Marini ressaltou o papel das ações antivetoriais e o trato da dengue como benigna pelos moradores, levando os a se cuidarem em casa. A ausência de óbitos e de sintomas que remetia a FHD, aumentava a confiança de confirmação da forma benigna pelo IEC (SMS..., 1996).

Fruto de cooperação celebrada entre a PBH e a 4ª Divisão de Exército, 60 soldados se reuniram, em 25 de maio, ao contingente envolvido no enfrentamento a epidemia. Esses militares, que atuavam sob a supervisão de técnicos do Serviço de Controle de Zoonoses, foram distribuídos a partir dos seguintes critérios:

A prioridade está dada a Venda Nova e Zona Oeste, onde foram constatados maior número de casos confirmados e que apresentam maior incidência de mosquito *Aedes aegypti* (19%). embora estejam atuando diretamente nos focos da epidemia de dengue, os 60 soldados não vão utilizar nenhum equipamento especial de proteção à picada do inseto, conforme informou a Assessoria de Imprensa da Secretaria Municipal de Saúde. Para as regiões mais críticas foram designadas equipes de 20 homens que atuam acompanhados de um técnico da Secretaria Municipal de Saúde (SMSA). Nas regiões Noroeste e Norte da cidade atuam equipes com 10 soldados e um técnico. (EXERCITO..., 1996b, p. 1).

Além das áreas de atuação, nota-se a falta de equipamentos de segurança para os soldados ou recrutas, sugerindo um trabalho realizado de forma precária. Conteúdos publicados sobre a epidemia, entre os dias 24 de maio e 06 de junho citavam a ação dos militares, como os registros fotográficos de aplicação de larvicida em possíveis criadouros. A metáfora da guerra se fez presente em chamadas, como a publicada no dia 24 de maio, *Exército ataca focos do Aedes aegypti*.

Quanto aos mutirões de limpeza, a sensibilização da população passou a contar, no dia 25, com a performance do teatro de fantoches e da banda Caçamba Swing

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

da SLU. Após a primeira semana, que abrangeu 33 bairros da região de Venda Nova, contabilizou-se 492 pneus e 18 toneladas de resíduos, como garrafas, vasilha, latas e panelas, que foram acondicionados no aterro sanitário municipal. Naquele momento, Belo Horizonte tinha notificado 1228 casos, sendo 1144 em Venda Nova. Com a tática de recolhimento do material por esquina, a partir do dia 27 de maio, a ação passou a cobrir os nove distritos sanitários. Em paralelo, a aplicação de UBV ganhou o reforço de 24 trabalhadores e dois veículos na execução da ação em áreas reconhecidamente infestadas pelo vetor e de casos notificados na capital (VENDA..., 1996).

## **O ocaso da epidemia**

A hesitação que pairava sobre a tendência de declínio e controle da epidemia nas considerações de autoridades sanitárias, deu lugar à certeza no início de junho. Em *Cai o número de casos de dengue na grande BH*, publicado no primeiro dia do mês, noticiava-se que a SMSA, ao ratificar a queda de casos registrados, reconheceu que a epidemia estava se dissipando (CAI..., 1996). Aliás, essa dinâmica ocorria em um momento de queda de temperaturas e proximidade do inverno, fenômenos que parecem concorrer para isso.

Em 08 de junho, a dengue reapareceria em *PBH quer reduzir ações de combate à dengue*, último conteúdo publicado pelo diário sobre a epidemia. Segundo a matéria, após constatar o retorno à normalidade nas unidades de saúde, o secretário César Campos, surpreso com os resultados além do esperado pela SMSA, anunciou a redução em 40% da mobilização. Mas, garantiu o atendimento nas unidades 24 horas para aqueles que comparecessem com sintomas da enfermidade (PBH..., 1996).

A vitória sobre a doença seria declarada em julho, em uma peça publicitária da PBH, *Dengue – a ascensão e queda de um mosquito*, publicada no jornal *Edição do Brasil*. Com um mosquito abatido e um gráfico de barras apresentando a trajetória da curva epidemiológica do curso da epidemia em Venda Nova, um pequeno balanço alistava os parceiros institucionais em cada ação realizada que levou ao sucesso de controle da doença, fazendo com que a mesma desaparecesse do noticiário. Por fim, conclamou a população a manter os esforços de execução das medidas preventivas de criadouros do vetor e de ações que ainda se manteriam, como os mutirões de limpeza,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma vez que a infestação do mosquito na cidade era grande e a possibilidade de novos surtos e casos graves eram reais (BELO HORIZONTE, 1996).

## Considerações finais

Após contabilizar 1806 casos, em uma epidemia com forte protagonismo feminino nas páginas do *Hoje em Dia*, a dengue saía de cena temporariamente em Belo Horizonte. Ela ficaria ofuscada pelos festejos no ano seguinte, mas retornaria com fôlego e muita polêmica em 1998. Até lá, transitaria uma representação social que tinha como atributos a benignidade da doença, a transmissão por um mosquito, o *Aedes aegypti*, cuja reprodução se daria, principalmente, residencialmente.

Por outro lado, esta epidemia se somou outras, em várias regiões do país, reforçando a visão de calamidade que a doença assumia no âmbito do Ministério da Saúde, levando a elaboração do Plano Diretor de Erradicação do *Aedes aegypti* (BRASIL, 1996). O plano, segundo o seu coordenador, o sanitarista Jaime Calado Pereira dos Santos, era composto por ações até 1999 e receberia um investimento de R\$ 4,5 bilhões da União (PBH..., 1996). Entretanto, as coisas não seguiriam conforme planejado pelo ministro da saúde, o médico Adib Jatene, que se desligaria do governo em fins de 1996. Enfim, esses desenvolvimentos serão tratados em futuros trabalhos.

## Fontes

AMOSTRAS de sangue são enviadas à FNS. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2738, 06 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

ASSEMBLEIA avalia convênio de hospitais com o SUS. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano VIII, n. 2627, 16 jan. 1996, Caderno Minas, p. 2.

BELO HORIZONTE. PBH. Dengue – a ascensão e queda de um mosquito. *Edição do Brasil*, Belo Horizonte, ano 14, n. 722, 07 a 14 jul. 1996, Seção Vida, p. 5.

BELO HORIZONTE. PBH. BHTRANS. Mutirão contra a dengue em Venda Nova. *Jornal do Ônibus*, Belo Horizonte, PBH-BHTRANS, mai. 1996, ano 03, n. 58.

BRASIL. Ministério da Saúde. Plano Diretor de Erradicação do *Aedes aegypti* do Brasil. Brasília, jan. 1996. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano\\_diretor\\_erradicacao\\_aedes\\_aegypti\\_brasil.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_diretor_erradicacao_aedes_aegypti_brasil.pdf). Acesso em nov. 2019.

CAI o número de casos de dengue na Grande BH. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2764, 1 jun. 1996, Caderno Minas, última página.

CAMPANHA recolhe pouco lixo. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2746, 14 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CHUVA inunda bairros e deixa 65 desabrigados. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2683, 12 mar. 1996, capa.

DENGUE já supera 200 casos. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2738, 06 mai. 1996a, capa.

DENGUE leva 40 pessoas a centro em Venda Nova. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2745, 13 mai. 1996c, Caderno Minas, p. 2.

DENGUE na mira. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2741, 09 mai. 1996b, Caderno Opinião, p. 2.

DIAGNÓSTICO apontou virose. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2738, 06 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

EPIDEMIA de dengue atinge BH. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2736, 04 mai. 1996, capa.

EXÉRCITO ataca focos do ‘*Aedes aegypti*’. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2756, 24 mai. 1996c, Caderno Minas, p. 1.

EXÉRCITO deve auxiliar no combate à dengue. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2741, 09 mai. 1996a, Caderno Minas, p. 1.

EXÉRCITO entra em ação à tarde. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2755, 23 mai. 1996b, Caderno Minas, p. 1.

FERREIRA, André. Dengue não poupa policiais civis de Venda Nova. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2743, 11 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

FINAL de semana é tranquilo. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2746, 14 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

GOBIRA, André. BH já tem mais de 500 casos. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2743, 11 mai. 1996b, Caderno Minas, p. 1.

GOBIRA, André. Hemorrágica ainda não é detectada. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2739, 07 mai. 1996a, Caderno Minas, p. 1.

INSTITUTO de Belém caracteriza o vírus. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2741, 09 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

MORADORES não procuram posto. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2738, 06 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

NEVES, Luciana; SOUZA, Samira. Epidemia de dengue assola região de Venda Nova. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2736, 04 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

NEVES, Luciana. Guerra ao mosquito da dengue. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2737, 05 mai. 1996, Caderno Minas, p. 12.

PALÁCIO dos leilões, o foco inicial. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2738, 06 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

PBH quer reduzir ações de combate à dengue. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2771, 08 jun. 1996, Caderno Minas, p. 3.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PULVERIZAÇÃO com Malathion começa. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2741, 09 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

QUEIRÓS, Márcia. Dengue ultrapassa os limites de Venda Nova. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2738, 06 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

QUEIRÓS, Márcia. Distrito orienta comunidade. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2740, 08 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

RISCO de contágio já provoca pânico. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2742, 10 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

SANITARISTA tira os sonolentos da cama. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2741, 09 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

SIQUEIRA, Márcia Maria de. Batalha secular. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, Gerais/Saúde, 1998, p. 32.

SAÚDE amplia leitos para evitar crise. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano VIII, n. 2617, 06 jan. 1996, capa.

SINTOMAS parecidos com os da gripe. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2737, 05 mai. 1996, Caderno Minas, p. 12.

SMS constata redução de casos em BH. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2748, 16 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

TÉCNICOS de saúde definem estratégia. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2741, 09 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

VENDA Nova tem queda no atendimento. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, ano IX, n. 2752, 20 mai. 1996, Caderno Minas, p. 1.

## Referências Bibliográficas

BENCHIMOL, Jaime Larry (coord). *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

BULHÕES, Tatiana da Silva. Quem é o pai do mosquito? discutindo a responsabilidade governamental sobre a epidemia de dengue. In: XIII ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Disponível em: Microsoft Word - 1212973950\_ARQUIVO\_ArtigoAnpuh2008.doc. Acesso em: 20 jan. 2020.

CHAVES, Bráulio Silva. *O Instituto Ezequiel Dias e a construção da ciência em um "horizonte" da modernidade (1907-1936)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós- Graduação de História) - Universidade Federal de Minas Gerais.

FERREIRA, Lucas R. *História da dengue: as representações no processo de combate da doença em Uberlândia-MG (1986-1993)*. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

GUIMARÃES *et al.* Centenário de Belo Horizonte: a comunicação na construção da experiência da cidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, 1998, n. 8, pp. 48-62.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

LABOISSIÈRE, Márcia Michelin. *Imagens do Mal. A Tuberculose em 50 anos de História de Belo Horizonte*. 1998. 224 f. Dissertação (Mestrado em História), Unicamp, Campinas/SP, 1998.

LAMOUNIER, Lúcia. Centenário de BH e as imagens da cidade. *MEDIAÇÃO*, FUMEC, Belo Horizonte, n. 1, out. 2001, p. 74-86.

LARA, Jorge Tibilletti de. A febre dengue em Curitiba, de Trajano Joaquim dos Reis. *Temporalidades – Revista de História*, Edição 30, v. 11, n. 2, Mai./Ago. 2019a. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/12265/12231>. Acesso em: 10 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. *A virologia no Instituto Oswaldo Cruz e a emergência da Dengue como problema científico*. 2020. 224 f. Dissertação, (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

\_\_\_\_\_. As impressões da primeira grande epidemia de dengue no Brasil entre os jornais O Globo, O Fluminense e Jornal do Brasil. *Revista Trilhas da História*, v. 8, n. 16, p. 177-194, 2019b. Disponível em: [https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/7781/pdf\\_159](https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/7781/pdf_159). Acesso em: 11 nov. 2019.

LOPES, Gabriel; LARA, Jorge Tibilletti de. Entre a arma biológica e o “mosquito estadual”: cooperação Brasil-Cuba e as epidemias de dengue (1981-1988). *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 13, n. 29, p. 72-92, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/804/494>. Acesso em: 09 mai. 2021.

\_\_\_\_\_; SILVA. André Felipe Cândido. O *Aedes aegypti* e os mosquitos na historiografia: reflexões e controvérsias. *Tempo e Argumento*, v. 11, n. 26, p. 67-113, 2019. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311262019067/9986>. Acesso em: 11 nov. 2019.

MARQUES, Rita de Cássia; GONÇALVES, Huener Silva Gonçalves. Construir, tratar e curar: tratando a tuberculose na “Suíça Mineira” do século XX. In.: MARQUES, Rita de Cássia et al. (Orgs.) *História da saúde em Minas Gerais: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Barueri: Minha Editora; Fiocruz, 2011, p. 71-116.

MARQUES, Rita de Cássia. Sobre papos, águas, barbeiros e iodo: a história do bócio endêmico em Minas Gerais. In. Monteiro, Yara Nogueira. *História da saúde: olhares e veredas*. São Paulo, Instituto de Saúde, 2010, p.123-140.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo et al. Dengue: uma sucessão de epidemias esperadas. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo; CARVALHO, Diana Maul (Orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010, p. 211-232.

PAIVA, Carlos Henrique Assunção; MOTTA, Davi da Silva; MARINHO, Dayane. Epidemia de dengue 1986 – Contexto e consequências. *Observatório da Saúde*, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://observatoriodasauderj.com.br/epidemia-de-dengue-de-1986-contexto-e-consequencias/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

REQUEIJO, Geordana Natali. *A História da Tuberculose em Belo Horizonte de 1897 a 1950: uma abordagem histórico-cultural*. 2005. 144 f. Dissertação (Mestrado em História). Fafich, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

ROSENBERG, Charles E. *Explaining epidemics and other studies in the history of medicine*. Cambridge University Press, 1992.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da. *A influenza espanhola e a cidade planejada: Belo Horizonte, 1918*. Belo Horizonte: ARGUMENTUM, 2007.